Aplicação do Inventário de Personalidade de Jesness em adolescentes delinqüentes e não-delinqüentes*

RUTH ESTEVÃO**
MARIA ZAINA BICHUETTE***

1. Introdução; 2. Material e métodos; 3. Resultados; 4. Discussão; 5. Conclusão.

Esta pesquisa faz parte do projeto de adaptação ao nosso meio do Inventário de Personalidade de Jesness. Este instrumento foi construído especificamente para ser usado na avaliação de processos de intervenção desenvolvidos com menores delinqüentes. No presente estudo, verificou-se a capacidade do IPJ em discriminar adolescentes delinqüentes dos não-delinqüentes. A amostra foi constituída por 102 sujeitos, do sexo masculino, de 14 a 18 anos, de nível sócio-econômico baixo e provenientes de três grupos distintos: 34 adolescentes não-delinqüentes e não-abandonados, alunos de uma escola de 1.º grau e 68 sujeitos internados em duas unidades educacionais da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem-SP), sendo 34 abandonados e 34 delinqüentes. Efetuou-se uma análise de variância, a um nível de significância de 5% e nos casos em que esta detectou diferenças significativas entre os três grupos, realizaram-se as comparações múltiplas, segundo o teste de Tuckey a um nível de significância de 5%. Os resultados desta análise inicial são suficientemente encorajadores para justificar um estudo mais detalhado do IPJ.

1. Introdução

No início da década de 60 foi realizado, nos EUA, um amplo programa de avaliação dos processos de intervenção utilizados junto aos menores conside-

* Artigo apresentado à Redação em 19.11.84.
** Psicóloga no Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto — Universidade de São Paulo. (Endereço das autoras: Campus Universitário de Ribeirão Preto — Av. Bandeirantes s/n.º — 14.100 — Ribeirão Preto, SP.)
*** Psicóloga no Departamento de Geologia, Física e Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto — Universidade de São Paulo.

rados delinqüentes. Entre os diversos estudos realizados, salienta-se o Fricot Ranch School Study, dirigido por Carl F. Jesness (Jesness, 1962) do California Youth Authority. O principal objetivo deste estudo foi avaliar a eficiência de um programa experimental de treinamento escolar realizado com sujeitos do sexo masculino, de oito a 14 anos, que haviam sido encaminhados para uma escola correcional. Entre os objetivos secundários do programa encontrava-se o desenvolvimento de novos testes e de procedimentos de avaliação para serem usados no estudo e no controle da delinqüência. Para atingir o objetivo principal do projeto, era necessário dispor de um instrumento de medida que fosse capaz de distinguir os sujeitos e de poder classificá-los. Foi constatado que os existentes, tais como o MMPI e o California Psychological Inventory, não haviam sido desenvolvidos com o objetivo explícito de distinguir os diferentes tipos de delinqüentes, enquanto as escalas de Gough & Peterson (1952), apesar de preencherem este requisito, pelo fato de serem unidimensionais eram pouco eficientes para a classificação dos sujeitos. Jesness desenvolveu, então, o Inventário de Personalidade de Jesness — IPJ (Jesness, 1962), baseado no pressuposto de que os sujeitos delinqüentes se diferenciavam entre si e dos não-delinqüentes, de maneira significativa.

O IPJ apresenta as seguintes qualidades: a) é um instrumento sensível às mudanças de atitudes ocorridas em um período de tempo relativamente curto; b) os itens que o compõem são facilmente compreendidos pelos sujeitos; c) a medida é multidimensional, permitindo a classificação de tipos de personalidades de delinqüentes e de não-delinqüentes; d) fornece um índice de associabilidade preditivo de tendência para a delinqüência e recidivismo.

A maioria das pesquisas sobre o IPJ tem indicado a sua pertinência no estudo da personalidade do adolescente (delinqüente e não-delinqüente), na identificação do adolescente delinqüente, no fornecimento de subsídios para uma intervenção individualizada e na avaliação de mudanças ocorridas durante o processo de intervenção.

Quanto à definição de delinqüência, Jesness a entende "as a broad social-psychological-legal term which subsumes a variety of loosely-related behavior judged harmful to society" (Jesness, 1963). No entanto, o IPJ não fornece medidas sobre a influência de fatores sociais importantes (falta de oportunidade para educação e para o trabalho; falta de suporte psicológico ou financeiro; conflitos familiares; pressões dos pares etc.) e nem dos fatores legais (funcionamento do sistema de justiça, definições do comportamento delinqüencial, variabilidade das decisões etc.). O que ele na verdade avalia são certas variáveis psicológicas que as pesquisas e observações clínicas indicaram como sendo capazes de diferenciar os sujeitos delinqüentes dos não-delinqüentes.

O IPJ foi padronizado e validado nos EUA por Jesness (1962, 1963). A amostra foi constituída por 1.420 delinqüentes e 1.886 não-delinqüentes, de ambos os sexos. Os sujeitos delinqüentes provinham de dois centros de recepção vinculados ao California Youth Authority e os não-delinqüentes eram selecionados de 10 escolas públicas do norte da Califórnia e todos possuíam nível sócio-econômico comparável (Forget, 1978). Na Inglaterra, o IPI foi validado por

Davies (1967) e por Mott (1969). No primeiro estudo, o IPJ foi aplicado a 507 adolescentes, do sexo masculino, que se encontravam em "liberdade vigiada". A segunda pesquisa examinou as respostas de 208 delinqüentes e 162 não-delinqüentes, do sexo masculino. Os resultados demonstraram que o IPJ diferencia bem os delinqüentes dos não-delinqüentes e que permite, também, discriminar níveis de delinqüência. Em ambos os estudos, os autores concluíram que o instrumento é válido para a população inglesa, mas que a padronização deveria ser revista para adequar o teste a essa população. Vallance & Forrest (1971) validaram o IPJ para a população escocesa, utilizando uma amostra de 174 delinqüentes e 306 não-delinqüentes, do sexo masculino. A pesquisa realizada nos EUA por Shark & Handal (1977) contrariou os resultados favoráveis descritos para o IPJ. Para analisarem a capacidade do IPJ em discriminar os grupos de delinqüentes dos não-delinqüentes, utilizaram amostras de tamanhos 59 e 68, respectivamente e, para a verificação da fidedignidade do instrumento, amostras de tamanhos 31 para cada grupo. Dos resultados, os autores concluíram que o IPJ deveria ser utilizado com cautela e que necessitaria de análises mais profundas quanto ao seu poder discriminativo e à sua precisão. No entanto, outros resultados positivos foram publicados. Forget (1978) validou o teste para a população canadense-francesa, utilizando uma amostra de 470 adolescentes, do sexo masculino, da Cour de Bien-Etre Social de Montreal. A autora concluiu que o instrumento é válido e que constitui uma contribuição importante, pois ele permite descrever o sujeito (diagnóstico) e determinar alguns problemas de personalidade que necessitam de intervenção específica (tratamento). Além disso, salientou que o instrumento requer pouco tempo de aplicação, avaliação e de tratamento específico para a sua utilização. Mais recentemente, no Canadá, Martin (1981), utilizando uma amostra de 307 adolescentes, sendo 80 não-delinqüentes e 227 sujeitos que apresentavam diferentes graus de delinqüência, encontrou resultados que confirmam a validade do IPJ.

Tendo-se presente que uma delinqüência associada às dificuldades de socialização está aumentando (Favard & LeBlanc) e que uma delinqüência ocasional e benigna parece ser generalizada durante a adolescência, o comportamento definido por critérios legais (infração ao Código Penal) não pode constituir-se em referencial privilegiado para a identificação do adolescente delinqüente. Torna-se, pois, importante distinguir os adolescentes que entram acidentalmente no sistema de justiça e que não necessitam de intervenção, daqueles que são delinqüentes, não apenas no sentido legal, mas igualmente do ponto de vista de organização da personalidade.

Por estas razões, decidiu-se desenvolver um projeto com o objetivo de adaptar o IPJ para ser utilizado em nosso meio, uma vez que os objetivos que nortearam o desenvolvimento deste teste e os resultados obtidos na sua aplicação indicaram a sua utilidade como instrumento no processo de identificação e encaminhamento de adolescentes que apresentam comportamento anti-social. Como parte inicial deste projeto, o presente estudo visa verificar se o IPJ é capaz de discriminar adolescentes de três grupos distintos: sujeitos não-delinqüentes, abandonados e delinqüentes.

2. Material e métodos

A amostra foi constituída por 102 sujeitos, de 14 a 18 anos, do sexo masculino, de nível sócio-econômico baixo e provenientes de três grupos distintos: 34 adolescentes convencionais, não-delinqüentes e não-abandonados, alunos de uma escola de 1.° grau (*S*) e 68 sujeitos internados em duas unidades educacionais da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem-SP), sendo 34 abandonados (*A*) e 34 delinqüentes, autores de mais de três infrações penais (*D*).

Os 155 itens que compõem o IPJ (Jesness) foram traduzidos para o português segundo a técnica da *back translation* descrita por Sinaiko & Brislin (1973). Tendo-se constatado a normalidade e homocedasticidade dos dados para todas as variáveis estudadas, os mesmos foram analisados segundo uma análise de variância para cada uma delas. Nos casos em que se detectaram diferenças significativas entre os três grupos, passou-se às comparações múltiplas, segundo o teste de Tuckey. Nestas comparações, estudaram-se os grupos dois a dois (S × A, S × D, A × D). O nível de significância considerado foi de 5% em todos os casos.

3. Resultados

Os resultados obtidos constam da tabela 1. Observa-se que com relação às variáveis orientação de valores, alienação, agressividade manifesta, retraimento e negação, os três grupos estudados não apresentam diferenças significativas entre si. Para as variáveis que apresentaram tais diferenças, observa-se:

a) diferenças significativas para todas as comparações efetuadas duas a duas entre os três rupos — S × A, S × D, A × D — com relação às variáveis imaturidade e índice de associabilidade;

b) ausência de diferenças significativas entre os grupos A × D para desadaptação social, S × D para autismo, entre S × A para ansiedade social e entre A × D para recalque. Com relação a estas variáveis, todas as demais comparações duas a duas levaram a resultados significativamente diferentes.

4. Discussão

Os resultados obtidos para o índice de associabilidade mostram ser este capaz de discriminar os sujeitos dos três grupos. Além disso, mostraram que os delinqüentes apresentaram um escore médio mais elevado do que os abandonados e estes um escore médio mais elevado do que os adolescentes convencionais. Especificamente, estes resultados indicam que os delinqüentes se diferenciam significativamente dos outros sujeitos quanto à tendência a perceber e reagir ao mundo de uma forma que aumenta suas possibilidades de transgredirem as normas sociais estabelecidas. Este resultado comprova os de Vallance & Forrest (1971), os de Forget e os de Martin, mas contradiz o de Shark & Handal (1977), que não evidenciou diferença significativa entre delinqüentes e não-delinqüentes.

Tabela 1

Médias, análise de variâncias e comparações múltiplas relativas a 11 variáveis estudadas em 102 elementos — 34 da Febem de Ribeirão Preto (*D*), 34 da Febem de Batatais (*A*) e 34 do Senai de Ribeirão Preto (*S*)

Variáveis	Médias			Valores de F ou F' = 1/F, observados segundo as análises de variâncias		Comparações múltiplas			
	$\bar{y}_D$	$\bar{y}_A$	$\bar{y}_S$	F	F'	V.C.	$\bar{y}_D - \bar{y}_A$	$\bar{y}_D - \bar{y}_S$	$\bar{y}_A - \bar{y}_S$
DS — Desadaptação social	73,41	71,76	62,35	12,15*		5,77	1,65	11,06*	9,41*
OV — Orientação de valores	62,32	61,25	61,29		4,49				
Im — Imaturidade	72,06	78,82	62,35	25,27*		5,55	6,76*	9,71*	16,47*
Au — Autismo	60,97	67,24	57,82	11,12*		4,84	6,27*	3,15	9,42*
Al — Alienação	64,44	62,79	63,12		2,35				
AM — Agressividade manifesta	53,91	58,06	57,32	2,40					
Rt — Retraimento	57,53	59,29	55,18	1,92					
AS — Ansiedade social	44,88	51,97	53,88	10,78*		4,87*	7,09*	9,00*	1,91
Rc — Recalque	69,03	69,53	59,91	15,90*		4,58	0,50	9,12*	9,62*
Ng — Negação	44,15	43,38	44,59		5,65				
IA — Índice de associabilidade	71,53	64,24	56,15	20,51*		5,73	7,29*	15,38*	8,09*

* Nível de significância: $\alpha = 0,05$.

Obs.: V.C. = valores críticos para as comparações múltiplas F (2,99) = 3,09 e F' (99,2) = 19,49.

A escala de imaturidade também foi capaz de discriminar os sujeitos dos três grupos. Constata-se que os abandonados apresentam um escore médio superior ao dos delinqüentes e ao dos adolescentes convencionais. Portanto, são os abandonados os que apresentam maior tendência a manifestar atitudes e percepções de si e dos outros que são esperadas em pessoas mais jovens do que eles. Este resultado vai no sentido das observações clínicas que salientam que o grau de imaturidade observado entre os menores abandonados é maior do que entre os menores delinqüentes. Além disso, comprova o resultado observado por Vallance & Forrest (1971) (com exceção dos sujeitos de 16 anos), mas contradiz os de Forget (1978) e Martin (1981).

Quanto à desadaptação social, verifica-se que os adolescentes convencionais, apresentando um escore médio menos elevado se diferenciam dos delinqüentes e abandonados. Entretanto, a escala *DS* não diferencia estes dois últimos grupos, indicando que ambos se assemelham quanto à manifestação de um conjunto de atitudes (tendência a culpar as outras pessoas pelos seus próprios problemas; hipersensibilidade à crítica etc.) que são associadas a uma sociabilização perturbada ou inadequada. A diferença encontrada entre os adolescentes convencionais e os delinqüentes sustenta os resultados obtidos por Vallance & Forrest, por Forget e por Martin (1981).

Com relação ao autismo, constata-se que foram encontradas diferenças significativas entre os delinqüentes e os abandonados, indicando que estes últimos apresentam uma tendência maior para deformar as percepções da realidade segundo os seus desejos e necessidades. No mesmo sentido, os abandonados se diferenciam dos adolescentes convencionais. Quanto aos delinqüentes, estes não se diferenciam dos adolescentes convencionais. Este resultado confirma os de Vallance & Forrest (1971) — com exceção para os sujeitos de 14 anos — e os de Forget, mas contraria os de Martin (1981).

A escala de ansiedade social discrimina os delinqüentes dos outros dois grupos. Apresentando o escore médio menor do que o dos abandonados e o dos adolescentes convencionais, os delinqüentes se distinguem por apresentarem, em menor grau, um mal-estar consciente associado às relações sociais. Este resultado comprova os obtidos por Forget, mas contradiz os de Vallance & Forrest (1971) e Martin (1981).

Quanto ao recalque, constata-se que a escala diferencia os delinqüentes dos adolescentes convencionais. Entretanto, ela não discrimina entre os delinqüentes e os abandonados. Portanto, estes dois últimos grupos se assemelham quanto à tendência a excluir da consciência sentimentos e emoções que o indivíduo sente normalmente e a capacidade de se identificar com estas emoções. A diferença encontrada entre os delinqüentes e os adolescentes convencionais confirma os resultados de Vallance & Forrest (com exceção dos sujeitos de 14 anos), os de Forget e os de Martin (1981).

5. Conclusão

O objetivo do trabalho foi o de verificar se o IPJ é capaz de diferenciar adolescentes convencionais que não tiveram contato com o sistema de justiça dos

adolescentes internos em duas unidades educacionais da Febem-SP (abandonados e delinqüentes).

Os resultados indicam que as escalas *DS, IM, AS, Rc* e *IA* são capazes de diferenciar os delinqüentes dos não-delinqüentes. Além disso, as escalas *IM, Au* e *As* e o *IA* são capazes de discriminar entre os abandonados e os delinqüentes, ambos internados em unidades educacionais da Febem-SP. As escalas *OV, Al, AM, Rt* e *Ng* não discriminam nenhum dos grupos.

Destaca-se a utilidade que *IA* apresenta, pois, sendo o indicador mais importante de um engajamento em uma orientação delinqüencial (Martin, 1981), ele se mostrou capaz de discriminar os três grupos entre si. Convém salientar que como ele é calculado através da utilização das escalas *DS, VO, Al, MA* e *Rt* entre outras, estas, apesar de nem todas isoladamente discriminarem os sujeitos, contribuem para o resultado proporcionado pelo *IA*.

Portanto, os resultados desta análise inicial do IPJ são suficientemente encorajadores para justificar uma análise mais detalhada do mesmo, o qual poderá constituir-se em um instrumento auxiliar, principalmente na triagem e no encaminhamento de menores pelo sistema de assistência ao menor.

Abstract

The present study is part of a project concerning the adaptation of the Jesness Personality Inventory to Brazilian conditions. This tool was specifically elaborated for use in evaluating processes of intervention with juvenile delinquents. In the present study, we determined the ability of the JPI to discriminate between delinquent and nondelinquent adolescents. The sample consisted of 102 male subjects aged 14 to 18 years, of low socioeconomic level and coming from three distinct groups: 34 nondelinquent and nonabandoned adolescents enrolled in an elementary school, and 68 subject living in two educational units of the State Foundation for the Welfare of Minors (Febem-SP), 34 of whom are abandoned and 34 of whom are delinquents. The data were submitted to analysis of variance at the 5% of significance. When the analysis showed significant differences between the three groups, the Multiple Comparison Tuckey test was applied at the 5% level of significance. The results of this initial analysis are sufficiently encouraging to justify a more detailed study of the JPI.

Referências bibliográficas

Davies, M. *The use of the Jesness Inventory on a sample of British probationers.* London, Her Majesty's Stationery Office. 1967.

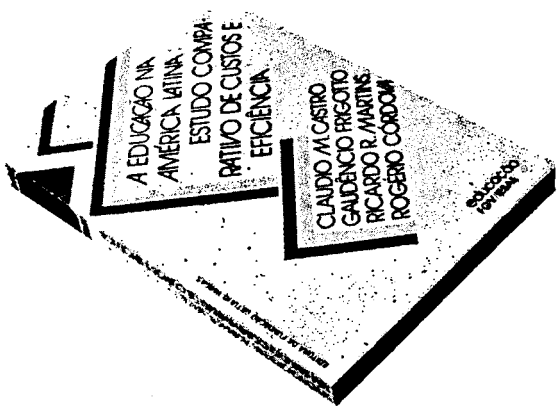
Favard, A. M. & LeBlanc, M. *Synthèse preliminaire concernant les principles directeurs de la prise in charge de l'adolescence délinquante.* Colloque International de la Fondation Boscoville sur le thème. L'Adolescence et les Années 80. Montreal, Canadá, 1982.

Forget, J. *Validité predictive de l'Inventaire de Jesness et Profil de Personalité de l'Adolescent de la Cour de Bien-Etre Social.* Groupe de Recherche sur l'Inadaptation Juvenile. Université de Montréal, Canadá, 1978.

Gouch, H. G. & Peterson, D. R. The identification and measurement of predispositional factors in crime and delinquency. *J. Consult. Psychol., 16*:207-12, 1952.

Jesness, C. F. *The Jesness Inventory; development and validation.* California Youth Authority, Research Report n.º 29, 1962.
———. *Redevelopment and revalidation of the Jesness Inventory.* California Youth Authority, Research Report n.º 35, 1963.
Martin, R. D. C. Validation of the Jesness Inventory with delinquents and nondelinquents. *J. Consult. Clin. Psychol., 49*:10-4, 1981.
Mott, J. *The Jesness Inventory; application to approved school boys.* London, Her Majesty's Stationery Office, 1969.
Shark, M. L. & Handal, P. L. Reliability and validity of the Jesness Inventory: a caution. *J. Consult. Clin. Psychol., 45*(4):692-5, 1977.
Sinaiko, H. W. & Brislin, R. W. Evaluating language translations: experiments on three assessment methods. *J. Applied Psychol., 57*(3)328-34, 1973.
Vallance, R. C. & Forrest, A. R. A study of the Jesness Personality Inventory with Scottish children. *Brit. J. Educ. Psychol., 41*:338-44, 1971.

UMA
PESQUISA
AMBICIOSA



Nas livrarias da FGV:
Rio - Praia de Botafogo, 188
Av. Presidente Wilson, 228-A.
São Paulo - Av. Nove de Julho, 2029
Brasília - CLS 104, Bloco A, loja 37

Ou pelo Reembolso Postal
À FGV/Editora - Divisão de Vendas
Caixa Postal, 9052
20.000 - Rio de Janeiro - RJ